

WENZ, Gunther: *Gott. Studium Systematische Theologie*, Band 4. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 2007. 320 pp., 23 X 15, 5 cm. ISBN 978-3-525-56707-4.

O A. é professor de teologia sistemática na Faculdade Teológica Evangélica de Munique. Como a coleção indica, trata-se de um estudo de teologia sistemática. Desenvolve os elementos fundamentais do tratado sobre Deus numa perspectiva histórica. Apresenta um esboço da história da religião de Israel como a dos conteúdos teológicos de parte da Bíblia hebraica e dos LXX. Em seguida, faz breve exposição da história da filosofia grega desde os pré-socráticos até o neoplatonismo de Plotino e sua escola. O contexto diferenciado de Jerusalém e Atenas, como o dos tempos helenísticos oferecem pressupostos fundamentais teológicos do Cristianismo, que se exprimiu no dogma trinitário da Igreja Antiga, ao buscar uma inteligência de Deus por meio do Crucificado ressuscitado na força do Espírito. Seguem-se a este volume, um outro dedicado ao Espírito e outro à cristologia.

Começa com uma reflexão sobre o fundamento trinitário da fé evangélica: Deus, Cristo e Espírito. Que significa Deus? A fala sobre Deus tem suas dificuldades por causa da sua essência, já que a ela não corresponde nenhuma realidade imediatamente identificável no nosso mundo de experiência. Sobre Deus e fé continua a consideração. Retoma a ideia de Tillich de Deus como *ultimate concern*, enquanto objeto da teologia. No fundo, traduz em linguagem abstrata a confissão de fé bíblica: “O Senhor, nosso Deus, é *um* Deus. E tu deves amar a Deus, teu Senhor, de todo o coração, de toda a alma, de todo sentimento e de todas tuas forças” (Dt 6,4-5). Depois considera as assim ditas provas de Deus, as cinco vias de Santo Tomás, o argumento de Santo Anselmo, a crítica de Kant, a reabilitação feita por Hegel do argumento ontológico, a religião e Deus segundo Schleiermacher, a concepção religiosa e o conceito filosófico, a teologia da mediação, os problemas da concepção teológica da Trindade.

Depois de breve introdução, em que aborda o núcleo do dogma trinitário, o tratado geral de Deus na forma histórica e o monoteísmo judaico e a filosofia grega, começa mais explicitamente o estudo.

Sob o título Jerusalém e Atenas, trata do judaísmo, do helenismo, do pensar grego, da filosofia e história da filosofia, do conceito de teologia, do monoteísmo judeu da Torah como pressuposto primário da teologia cristã, das Escrituras do Antigo Testamento e do decálogo como núcleo da Torah.

Caminha para trabalhar os prolegômenos para a história de Israel, abordando a posição de Wellhausen, a *lex post prophetas*, a tese de Jan Assmann, o Moisés dos Egípcios e o dos Hebreus, o politeísmo e o cosmoteísmo, o monoteísmo judaico e a crise do exílio de Israel, o evento do êxodo.

O capítulo seguinte disserta sobre o politeísmo e a monolatria de Javé em Israel do pré-exílio. Toca nos incios da história de Israel, assim dita tomada de posse da terra, o culto de Deus no proto-Israel, os sistemas simbólicos iconográficos, o politeísmo religioso da natureza e a monolatria do Reino de Deus, Javé *versus* Baal, a crise assíria e suas implicações teológicas.

A crise do exílio de Israel e o monoteísmo judeu iniciam com referência ao dado histórico de julho de 587 a. C., quando as tropas neobabilônicas aprisionam o rei judeu e o conduzem a Nabucodonosor II. Continua tratando da obra reformadora de Josias, dos dramáticos acontecimentos depois da morte de Josias, fim e novo começo depois da destruição do Templo e depois do exílio da Babilônia, a virada do exílio e o seu significado epocal, o antigo Israel e o judaísmo, a aliança do povo como povo da Torah, o monoteísmo do exílio, a profecia histórica e literária, a mântica religiosa natural, a profecia da corte e do culto, os assim chamados profetas clássicos e as reformas fundamentais de sua pregação, profetismo e Torah e os livros canônicos dos profetas.

A Torah, como cerne das Sagradas Escrituras do judaísmo, merece especial tratamento. Nesse contexto, o A. desenvolve os itens: o período persa e helênico, a consolidação da comunidade de culto, a literarização da religião no judaísmo pós-exílico, o Pentateuco e a lei de Javé, a retroprojeção em perspectiva etiológica e a Torah.

O estudo considera a justiça de Deus e o agir e procedimento humano na história israelita de Deus. Aborda a lei de Deus e o temor de Deus, começo da sabedoria de Israel, o agir e o proceder humano, a crise da sabedoria, a sentença fundamental da justiça distributiva e seu limite, as tendências escatologizantes, a mensagem dos salmos, o saltério e a Torah.

A próxima abordagem cobre o período de Antíoco IV a Tito: a história judaica no horizonte da apocalíptica final. Aí o A. estuda a variedade de características da sabedoria: provérbios, sentenças, enigmas, fábulas, comparações, metáforas, parábolas etc., e também a literatura apocalíptica de crise. Estão os apocalipses do livro de Esdras e de Daniel. Antíoco IV Epifânio e o movimento dos macabeus, o reinado hasmoneu e o domínio dos romanos, Herodes, o Grande, os herodianos e a destruição do templo de Herodes, a consolação do final dos tempos numa situação histórica de tribulação, o futuro do Reino messiânico de Deus, apocalíptica e escatologia, a realização da justiça de Deus tecem o capítulo.

O judaísmo no tempo de Jesus continua o périplo histórico, com o estudo sobre Qumran, essênios, sacerdotes e escribas, halacha e haggada, saduceus

e fariseus, a comunidade sinagoga, o judaísmo palestinese e a diáspora judia, as tendências universalistas, Filo de Alexandria.

Continuando a caminhada histórica, o A. aborda os aspectos da cultura da religião helenístico-romana no contexto do cristianismo primitivo: o helenismo, a cultura sincrética da religião, o céu dos deuses greco-romanos, o culto dos senhores e do imperador, cristianismo e espírito grego, recepção produtiva cristã da forma grega de pensar, platonismo e gnosticismo, o helenismo como a modernidade do paganismo e Antiguidade.

Nos últimos capítulos, o A. apresenta um esboço da história da filosofia grega dos pré-socráticos ao neoplatonismo. O helenismo não só é o acabamento do mundo pagão como também lhe determinou o fim.

Pela simples indicação dos principais tópicos do livro, percebe-se a amplidão da temática. Estabeleceram-se os pressupostos implícitos da teologia cristã. O helenismo em geral e a helenização do antigo judaísmo em especial podem ser compreendidos como *praeparatio evangelii*. O A. nos conduziu pelos meandros da história e da cultura do judaísmo como do helenismo com excelente embasamento filosófico.

João Batista Libanio SJ

SCATTOLA, Merio: *Teologia política*. Bologna: Il Mulino, 2007. 235 pp., 20,3 X 12,5 cm. Col. Lessico della Politica. ISBN 978-88-15-11867-7.

O termo “teologia política” permite três intelecções. Se prevalece o termo teologia, temos uma política da teologia que subordina a política a seu ditame com aspiração à hierocracia. Se os dois termos se equilibram, faz-se então uma reflexão sobre o núcleo teológico da política ou se estuda o significado filosófico-político implicado em toda teologia. E se predomina o termo política, se produz uma teologia da política, isto é, uma teologia civil. Aos três tipos de teologia política correspondem três diferentes extensões do seu conceito: sentido amplo, próprio e especial, pedindo um método diferente de pesquisa. Tanto teologia, política como teologia política aceitam essa tríptica tipologia genérica, própria e especial com extensões cada vez mais restritas. Exige-se, pois, clarificação dos termos.

Há uma teologia, no sentido amplo, que se fez presente nos diferentes grupos humanos respeito aos fenômenos religiosos – narrações, usos, mitos, ritos –, como conhecimento sobre o numinoso. Há outro sentido em que ela se refere a um específico saber sobre o divino, um discurso explícito, uma disciplina dotada de práticas hermenêuticas próprias.

O mesmo se pode falar da política. Num sentido extensivo, ela abarca uma relação de ordem, existente em toda população quanto à variedade de papéis e funções – sexuais, familiares, de subsistência ou militares –, gerando diferença entre os membros. Daí existir nas comunidades humanas um ordenamento interno e uma ordem organizada relacionando os níveis: organização política no sentido genérico e metafórico.

Política, no sentido próprio, ocidental, é uma organização da comunidade, meditada, reflexa e mediada pelo discurso. Só há política onde se toma consciência dela e se formula um pensamento político; onde se faz e se pensa a política. Atributo do Ocidente.

A mesma amplitude ou restrição vale da teologia política. No sentido amplo, todas as comunidades humanas possuem teologia política, ao estabelecer certo nexos entre a especialização dos papéis e certas formas míticas e religiosas. No sentido próprio, só existe onde se elabora o nexos entre a transcendência e a ordem humana por meio de reflexão racional. Ela se define como um discurso racional em torno ao viver em comum dos humanos.

Há duas possíveis maneiras de perseguir lexicograficamente, na história, um tema. A linha de caráter semântico e a de caráter nominal. A semântica não se prende ao termo – no caso, política –, mas aborda-o nas diversas expressões linguísticas em que ele é, de certo modo, traduzido. A leitura nominal segue o termo sob determinada forma. O livro não pode prescindir de um estudo formal, mas não deve parar aí. Teologia política carregou o nome de religião política e na realidade da política se incrustam muitos conceitos: majestade, soberania, contrato, poder, ordem, secularização etc.

Contra esse pano de fundo, o livro trabalha o tema, abordando os seguintes pontos. Começa com estudo lexicográfico do termo teologia política e teologia civil, desde sua origem até hoje. Por ser teologia, sonda a fundação cristã do problema, desde o apóstolo Paulo, passando por Eusébio de Cesareia, Santo Agostinho, Santo Tomás até a dupla ordem de Dante Alighieri e Marsílio de Pádua. O século XVI mereceu relevo com a escatologia política de Lutero, a doutrina da plena potestade papal, a teologia federal dos calvinistas e outros pontos mais. A idade moderna trouxe nova forma da mediação política: o problema da secularização, Hobbes, Spinoza, o direito natural moderno, a contrarrevolução, a restauração, o romantismo, Hegel e o pensamento político católico. Fechando o estudo, o século XX conheceu a recapitulação e descoberta da teologia política, a política corrompida pela teologia, a degeneração do sagrado e a construção niilista do Estado, a política salva pela teologia, a teologia da história, a alternativa política à teologia, o debate sobre a secularização, a alternativa teológica à política, êxodo e reserva escatológica. Tudo conclui com o debate atual.

Pela simples enumeração dos temas tratados, percebem-se a amplitude e o caráter histórico do estudo. Sendo um autor italiano, estranhei a quase totalmente omissão de Machiavelli que parece tão importante na transformação e secularização da política. O livro apresenta amplo quadro para entender os piques e rebotes da teologia política, de tempos em tempos.

João Batista Libanio SJ

SCHOCKENHOFF, Eberhard: *Theologie der Freiheit*. Freiburg / Basel / Wien: Herder, 2007. 339 pp., 23 X 15,5 cm. ISBN 978-3-451-29701-4.

O A. conjuga formação em Tübinga na Alemanha e em Roma. Lecionou teologia moral em Regensburg e atualmente em Freiburg na Brisgóvia. Envolvido com a questão ética e ecumênica, tem amplo campo de visão. Trabalha a problemática da liberdade em perspectiva histórica sob aspecto bíblico, filosófico e teológico.

O tema da ética orienta a vida humana no pressuposto de que o ser humano carrega a responsabilidade do êxito da própria vida e da convivência benfazeja com os outros. O destino feliz ou infeliz não o atropela. A pergunta pelo viver e agir bem implica, como tal, a consciência da liberdade, sem a qual não existe ética nem no plano filosófico nem teológico. Sem liberdade, o agir moral e a responsabilidade se esvaziariam. Sem ela, as frases: tu deves fazer isto ou por que tu fazes isto?, assim como elogios ou repreensões, reconhecimento ou desaprovação não teriam sentido. Temos consciência de que ações feitas sem liberdade não merecem louvor nem repreensão.

Pertence também à experiência da liberdade que ela não é sem limite. Embora saibamos ser o ator e responsável de ações, entretanto elas frequentemente nos permanecem enigmáticas. Às vezes, duvidamos se realmente quisemos as consequências de certas decisões. A imprevisibilidade nos mostra que não temos tudo sob nosso poder. Subjazem à nossa capacidade de agir e decidir influências que nos escapam do controle. Há um conjunto de desejos, sentimentos, pulsões, estados emocionais, que se originam de influências estranhas e de expectativas sociais que nos ameaçam a liberdade. A experiência da liberdade permanece um fenômeno ambíguo, cheio de decepções e surpresas. Levantam-se-nos perguntas: até onde influencia a história inconsciente aquilo que experimentamos como vontade livre? Os motivos de nossas ações se apoiam sobre considerações racionais ou sobre uma racionalização posterior das forças pulsionais pré-reflexivas? Dependemos no agir de orientação racional ou emocional? Até

onde as sombras do passado influenciam? Enfim, quem é este enigmático Eu que postula a ética como uma instância da responsabilidade pessoal?

Quem se sente tocado por essas perguntas, aventure-se na leitura do livro. Liberdade: enigma e contradição. Assim começa o livro. Desenvolve a ideia da ambivalência linguística, antropológica, sociológica, política da liberdade. Esboça uma visão geral da sua problemática histórica e uma discussão sistemática. Entram em questão as posições de Orígenes, Agostinho, Leibniz, Hume, Kant e depois o debate sistemático.

Em seguida, estuda a estrutura do agir humano para entender a prática da liberdade, sem a qual toda ética, responsabilidade, culpa e arrependimento perdem sentido. A análise do realizar-se da liberdade tem três passos: a construção e os elementos decisivos de uma ação moral, as diversas dimensões da liberdade e a aspiração por felicidade com a escolha dos fins da vida como possibilidades de realização.

Adentrando no campo da ética, o dom da liberdade é estudado como seu fundamento de possibilidade numa perspectiva teológica. Enucleia o tema com dados bíblicos: a liberdade no povo escolhido a partir do testemunho do Antigo Testamento, a liberdade no Reino de Deus na pregação de Jesus, a liberdade como dom nos escritos de Paulo e a verdadeira liberdade desde o vínculo com Cristo em João. A história bíblica da liberdade acena para três perspectivas: a primigênia destinação do ser humano como criatura livre, escolhida como parceira da aliança com Deus, a escravidão sob o pecado e a liberdade recuperada.

A última parte do livro é dedicada a uma análise teológico-ética da liberdade, como liberdade-dom. O A. enfrenta o espinhoso problema da relação entre a graça de Deus e a liberdade de ação do ser humano. Uma *crux theologorum* de todos os tempos. A graça de Deus atua por dentro e não como imposição externa na ação humana. Sua relação com a liberdade humana ocupa longa reflexão do A. Estuda Lutero, a teologia luterana respeito à vontade não-livre sob a perspectiva soteriológica, antropológica e semântica. Em seguida, defronta-se com o pensamento de Erasmo sobre a cooperação humana com a graça de Deus e sua recepção na teologia católica. Explicita o argumento moral pedagógico da responsabilidade do ser humano pela condução de sua vida, o argumento hermenêutico do conjunto da Escritura e da Tradição católica e o argumento teológico da imbricação de graça e liberdade. Ação totalmente de Deus e ação totalmente humana.

No parágrafo seguinte, avança a reflexão a respeito da graça de Deus e da liberdade humana ontológica. Percorre o pensamento patrístico, a teologia tomasiana e a ética teológica da atualidade. Termina o livro com uma derradeira reflexão sobre a imbricação profunda do agir divino e humano, em que jogam a liberdade humana e a onipotência divina, a liberdade

humana e a presciência divina, a cooperação do ser humano na ação de Deus: fazer o que Deus faz.

O mínimo que se pode dizer do livro é que se trata de obra séria, profunda, cuidadosamente trabalhada. O A. articula excelente capacidade especulativa com perguntas profundamente existenciais que afloram no cotidiano das pessoas, como indicamos no início desta nota.

*João Batista Libanio SJ*

TORRES QUEIRUGA, Andrés: *Esperança apesar do mal*: A ressurreição como horizonte. Tradução do original espanhol por Pedro Lima Vasconcellos. São Paulo: Paulinas, 2007. 183 pp., 19 X 12 cm. Col. Algo a dizer. ISBN 978-85-356-1889-1.

O livro nasce de uma série de palestras que o A. deu em Congresso organizado pela Conferência Episcopal da Colômbia em outubro de 2004. A estrutura, o estilo sintético, a exposição didática e clara refletem tal circunstância. O A. articulou os temas em torno de três eixos: a esperança como dimensão existencial com preocupação precipuamente filosófica, a sua estrutura bíblica fundamental e o confronto da esperança com a realidade do mal e com a ressurreição.

O primeiro capítulo busca o enraizamento da esperança no humano, como verdadeiro existencial. A esperança cobre a existência humana. Somos esperança. A nova situação cultural situa-se em face da esperança de maneira paradoxal. Ela ultrapassa o âmbito meramente religioso para converter-se em preocupação geral. A pergunta por ela nasce das raízes do humano, universalizou-se, embora as respostas sejam diferentes. Importa entender o que cada resposta traz para a compreensão da esperança, e não se a afirma ou a nega. Nenhuma resposta isolada cobre o abismo da esperança.

Cabe falar de uma esperança que afeta a totalidade do real. E. Bloch desvenda o movimento último da esperança como intenção voltada para a possibilidade que ainda não veio a ser. Vale de todo criado. É a ontologia do ainda-não. Essa intuição atravessa muitos pensadores. Vem a propósito falar de uma “espera cósmica”.

A esperança humana adquire sentido pleno e rigoroso. O livro tece-lhe breve fenomenologia no sentido descritivo das suas manifestações. Atende ao caráter extensivo das modalidades plurais com que ela se veste desde as mais elementares e concretas às transcendentais e religiosas. Em seguida, avança para a dimensão intensiva. A esperança no singular que visa à realização total do ser humano por meio das esperanças plurais concretas.

A esperança é interrogante universalmente humano. Caracteriza-lhe a incapacidade de o ser humano dispor do que espera. Implica confiar em algo. Em seguida, o A. dedica parágrafo à esperança como interrogante aberto, sua relação com a felicidade e o sentido. Importa descobrir-lhe o fundamento e não permanecer somente nas expressões concretas. Na linha da resposta, existem as que vêm do mundo secular e as religiosas. As primeiras oscilam entre dois extremos. Uns negam-na por excesso. Não precisam dela, porque têm clara certeza do futuro como certo evolucionismo e materialismo dialético. Outros mergulham no oposto do absurdo. A via média tenta uma esperança, mas no limite da imanência, como E. Bloch e L. Ferry.

O otimismo do evolucionismo e do materialismo histórico desfez-se. A pergunta pela esperança permanece aberta. São vestígios do divino no coração humano. Permanece a pressão do Transcendente. O fundamento divino da esperança não é mera projeção ilusória e alienante, mas presença viva. A resposta cristã aponta para imagem verdadeira de Deus a partir de Jesus. Implica coerência na ideia de Deus que articula a Transcendência com a importância das tarefas temporais. A fidelidade à terra é movida pelos dinamismos do Reino já presente entre nós. O capítulo termina com um excuro sobre a saudade que se situa entre a angústia e a esperança.

O segundo capítulo dedica-se à estrutura fundamental da esperança bíblica. O A. propugna renovação do clássico e deformado esquema da história da salvação: paraíso-queda-castigo-redenção-tempo da Igreja-glória. Ele impregnou o imaginário religioso. Sugere o esquema de um Deus que cria unicamente por amor. Aparece assim melhor a continuidade entre criação e salvação, desmitologizando o relato bíblico do Gênesis e apontando para o significado religioso da criação. O A. recorda as contribuições de R. Bultmann com o projeto da desmitologização e suas consequências. Cabe entender o processo ativo da criação por parte Deus, sem ser intervencionista pontualmente no mundo. Daí surge uma esperança pessoal, realista, universal e absoluta.

No capítulo final, o A. trata um dos seus temas prediletos: o choque entre o mal e a imagem de um Deus infinitamente bom e todo-poderoso. Retoma reflexões que desenvolveu longamente em outros momentos. Desloca o problema do mal, em perspectiva metafísica, para a condição de criaturalidade do mundo. Mundo criado sem mal significa círculo quadrado, absurdo nele mesmo. De fato, teríamos, ao mesmo tempo, algo finito (limite, imperfeição da criatura) e infinito (sem qualquer limite, divino). E na perspectiva da fé, desenvolve a ideia de um Deus que é só amor, o Antimal, e batalha ao lado dos humanos contra todo mal e sofre com eles por sua existência. Jesus revela tal atitude de Deus em grau máximo. E manifesta também pela ressurreição que o mal é vencido de modo que emerge com maior clareza que Deus criou tudo por amor e para o amor, pela vida e para a vida.



Nesse pequeno livro, o A. retoma, de maneira concisa, clara e profunda, as principais intuições que vem expondo em muitas de suas obras. Sempre se torna importante reencontrá-las em diferentes formulações a fim de que sejam mais bem entendidas e aprofundadas. Enfrenta criticamente os esquemas tradicionais da teologia e as respostas cômodas da evasão ou do apelo ao mistério, trazendo-as ao tribunal da racionalidade moderna. Articula, então, com pertinência as exigências da razão e da fé de modo que realiza o projeto de toda teologia: *fides quaerens intellectum*. O leitor aprende ou se confirma em intuições teológicas importantes no confronto com a modernidade, ao ler a presente obra.

João Batista Libanio SJ

ÁLVAREZ BARREDO, Miguel: *Habacuc, un profeta inconformista: Perfiles literarios y rasgos teológicos del libro*. Murcia: Editorial Espigas, 2007. 252 pp., 24 X 17 cm. Publicaciones del Instituto Teológico Franciscano Serie Mayor, 44. ISBN 978-84-86042-66-0.

O A., conhecido no âmbito dos estudos bíblicos por seus livros e artigos, dedica-se à interpretação de um texto bíblico pouco estudado. Uma rápida olhada na bibliografia (pp. 247-252) é suficiente para constatar o número pequeno de comentários ao livro de Habacuc. A coragem de se lançar numa trilha pouco frequentada já é um grande mérito da obra.

Habacuc exerce o ministério profético numa quadra difícil da história de Israel, no final do séc. VII a.C., quando a hegemonia assíria chegava ao fim e o poderio babilônio impunha-se com a força das armas. Correspondia ao reinado de Joaquim (605-598 a.C.), monarca incapaz de satisfazer as expectativas do povo, mormente as camadas mais pobres da população, bem como os ideais religiosos de Israel cultivados por seu pai, o rei Josias. Contemporâneo de Jeremias, coube também a Habacuc fazer o discernimento da história e incentivar o povo a manter-se fiel à lei de Deus, em meio a incertezas tanto políticas quanto religiosas. Daí o versículo bem conhecido: “Vai se acabar quem não é reto, o justo viverá por sua fidelidade!” (2,4).

A parte central da obra consiste nos capítulos II e III, correspondentes à divisão usual do opúsculo de Habacuc, composto de três capítulos. Um aborda as “formas literárias, rasgos estilísticos e teologia de Hab 1-2”; o outro trata da “estrutura e sincronias literárias, cenário redacional e intencionalidade teológica de Hab 3”. A preocupação do A. centra-se nas questões literárias e teológicas, ficando em segundo plano as questões de crítica textual e filológicas. Ao estudar as diversas unidades na sua dinâmi-

ca autônoma – perspectiva sincrônica –, tem em vista uma leitura de conjunto dos oráculos, numa visão mais diacrônica. A partir daí, os elementos literários e teológicos da profecia de Habacuc evidenciam-se, bem como a unidade temática.

A problemática enfrentada pelo profeta de outrora e os horizontes descortinados à luz da fé incidem sobre a história de todos os tempos. O A. mostra como o desejo de dominar a cena política e a violência brutal como mecanismo para conquistar o poder, aviltando a dignidade dos seres humanos e dos povos, são coisas do presente, embora mudando os meios e os instrumentos. Daí a atualidade de Habacuc, como palavra de Deus a iluminar um mundo marcado pela violência, pela opressão, pelo desrespeito do direito, onde o malvado prevalece sobre o justo e a vida humana é banalizada. Deus faz-se presente na história protagonizada pelo ser humano, mesmo que este queira menosprezá-lo; por sua vez, o ser humano não é tão autônomo e independente como pensa. Pela intermediação do profeta, a Palavra de Deus confronta o ser humano nos desvãos da história. Habacuc incentiva os justos a não se renderem à lógica da violência e os motiva a buscar alternativas.

Reconhecendo o valor da obra que se pretende ser o primeiro “estudo homogêneo e global [de Habacuc] em língua espanhola” (p. 30), sente-se a falta de um capítulo IV, onde se fizesse um apanhado das ideias recorrentes nos capítulos centrais, tendo em vista apresentar, em forma de visão de conjunto, a teologia do profeta.

*Jaldemir Vítório SJ*

EVANS, Craig A.: *El Jesús deformado: Cómo algunos estudiosos modernos tergiversan los evangelios*. Tradução do original inglês por Ramón Alfonso Díez Aragón. Santander: Sal Terrae, 2007. 300 pp., 21,5 X 14,5 cm. Col. Presencia teológica, 161. ISBN 978-84-293-1730-5.

Neste livro, Evans desmascara a ilusão, não apenas de autores sensacionalistas como Dan Brown (“O código Da Vinci”), mas também de participantes do *Jesus Seminar* como Dominic Crossan, Robert Funk, Bart Ehrman. A capa exhibe a recomendação de J.P. Meyer e de Gerd Theissen, considerados os mais sérios estudiosos atuais do Jesus histórico. Significativo também é o título original inglês: *Fabricating Jesus: Modern scholars distort the Gospels* (Downers Grove: InterVarsity Press, 2006).

No quadro de uma resposta “apologética” (no bom sentido da palavra) às levandades que se vendem nas livrarias dos aeroportos, o livro oferece

muito material didático, citações de fontes extraevangélicas, esquemas, sinopses, úteis para o estudo dos evangelhos canônicos e apócrifos. Estes últimos, porém, não são considerados por Evans como fontes para o estudo do Jesus histórico, mas sim para o estudo da recepção dos evangelhos nos séculos II e III.

No primeiro capítulo, Evans constata que muitos adeptos do novo hipercriticismo provêm de um cristianismo bastante conservador, fundamentalista até. Viraram de oito para oitenta. Numa página gostosa (p. 22) ele retoma a observação humorística de C.S. Lewis: será que Jesus era “liar, lunatic or Lord”? O capítulo seguinte focaliza certos tópicos do *Jesus Seminar*, que por votação “democrática” tentou estabelecer o perfil do Jesus histórico. Denuncia que o ceticismo histórico usa os critérios históricos de maneira estreita demais, quase fundamentalista – pelo menos, quando se trata de negar o que não cabe no quadro das suspeitas. Jesus se interessava pelas Escrituras, pela escatologia? Tema fundamental: Jesus pregou mesmo uma escatologia, pois “as ‘últimas coisas’ na proclamação jesuana do governo de Deus consistem em que agora, *por fim*, o governo de Deus se faz sentir na terra, como prometeram os profetas” (p. 43; grifo do autor). O Reino de Deus que Jesus ensina a pedir no Pai-Nosso é o tempo final e definitivo. E a partir daí é possível entender a messianidade de Jesus. O capítulo termina com algumas observações acertadas sobre os critérios de autenticidade (coerência histórica, testemunho múltiplo, dessemelhança, semitismos e fundo palestinese, coerência ou consistência).

Os capítulos 3 e 4 focalizam textos questionáveis alegados em competição com os evangelhos canônicos: o Evangelho de Tomé, o Evangelho de Pedro, o papiro Egerton, o Evangelho de Maria (Madalena) e o Evangelho Secreto de Marcos. No capítulo seguinte trata da hipótese de um “Jesús cínico” (no sentido antigo de filósofo não conformista popular) – hipótese de Crossan, que, segundo Evans, desrespeita totalmente o contexto de Jesus que conhecemos pelos evangelhos. O cap. 6 critica a maneira de descontextualizar as palavras de Jesus (ainda que os contextos em que os evangelhos as apresentam demonstrem certa flexibilidade). O cap. 7 considera a tendência a diminuir ou negar fatos que não cabem no quadro científico moderno, como os milagres e as curas, que, contudo, constituem em todos os evangelhos um elemento essencial da práxis do Reino que Jesus inaugura.

O cap. 8 é dedicado à historiografia antiga. Mostra que Flávio Josefo (ao falar de Jesus, João Batista, Pilatos) não está em contradição com o testemunho evangélico, antes o completa.

No cap. 9 Evans mostra o caráter anacrônico dos cristianismos primitivos “perdidos” inventados com base em literatura erudita mal digerida. “Esses hipotéticos cristianismos não existiam aos meados do século I” (p. 199). Bastam o judeu-cristianismo de Tiago e o diversificado cristianismo missionário de Paulo e dos evangelhos (pp. 191ss: unidade e diversidade do

cristianismo primitivo). As “contradições” entre os relatos evangélicos não são necessariamente vestígios de censuras ulteriores; temos manuscritos dos evangelhos bem anteriores a essas supostas censuras. O cap. 10 expõe a descarada falsificação de Jesus por Dan Brown, Barbara Thiering, Michael Baigent, Richard Leigh, Henry Lincoln, nas histórias em torno do fim da vida de Jesus no sul da França, seus descendentes, o Santo Graal etc.

No capítulo conclusivo, Evans coloca a pergunta “É possível conhecer o Jesus real?” (p. 218). Trata da relação de Jesus com o judaísmo de seu tempo; suas pretensões; suas intenções; os fatores que conduziram à sua morte; sua ressurreição; o nascimento da Igreja primitiva; a natureza dos evangelhos canônicos; a fé cristã como parte da história de Israel. Este último ponto, embora breve, nos parece significativo. A Igreja nasceu de Israel e foi judia até a desastrosa guerra de Bar Kochba por volta de 135 d. C. Foi só então que surgiram bispos que não eram judeus. “A história das origens do cristianismo é uma história judia” (p. 231). Inclui a ressurreição. A Igreja surgiu porque se entendeu que em Cristo se cumpriram as profecias (que são judaicas). E esta fé “messiânica” (termo hebraico para “cristã”) inundou o Império Romano que tanto castigou o povo dos patriarcas. Não escondendo sua simpatia pelos “judeus messiânicos” de hoje, Evans observa que “os gentios convidados a desempenhar um papel nesta história apaixonante nunca deveriam esquecer seus autores e atores judeus” (p. 231).

Dois apêndices são consagrados aos *Agrapha* (ditos de Jesus fora da Escritura) e ao Evangelho de Judas, em cuja tradução Evans colaborou. Índices de autores e temas, bem como de citações bíblicas, junto a uma concisa lista de literatura recomendada, fazem do livro um excelente instrumento didático.

*Johan Konings SJ*

BARROS, Paulo César (org.): *A serviço do Evangelho*: Estudos em homenagem a J. A. Ruiz de Gopegui, SJ, em seu 80º aniversário. São Paulo: Loyola, 2008. 303 pp., 23 X 16 cm. ISBN 978-85-15-03576-2.

A obra reúne 15 textos oferecidos em justa homenagem ao Prof. Dr. Pe. Juan Antonio Ruiz de Gopegui Santoyo, SJ, por ocasião da celebração dos seus 80 anos de vida. Ao longo de todos esses anos, Gopegui vem dedicando sua vida, tanto como pastor, quanto como professor, ao serviço do evangelho, como reflete o título da obra. Colaborou intensamente na área da catequese, formando catequistas e produzindo material para catequese e ensino religioso: *Caminhos de Deus – Caminhos dos homens* (Loyola, 1971, 11ª edição em 1986), *Deus nos caminhos da história* (Loyola, 1972, 7ª edição em 1977), *Caminhos de libertação – caminhos da Igreja* (Loyola, 1973), *Encontros com Deus na Vida* (Loyola, 1974), *Jesus e o caminho de Deus*: Iniciação cristã de crianças (Loyola, 1986), *A história de Jesus*: Catequese para a primeira comunhão (Loyola, 1986). Colaborou com assessoria em várias instâncias da organização da Igreja no Brasil. Sua tese doutoral, publicada sob o título *Conhecimento de Deus e evangelização*: Estudo teológico-pastoral em face da prática evangelizadora na América Latina (Loyola, 1977) bem demonstra sua preocupação com o anúncio do Evangelho.

Sua produção teológica abrange também a reflexão sobre a liturgia e o sacramento da Eucaristia. Além de cursos, publicou vários artigos sobre esses temas. Recentemente, veio à luz sua obra *A Eucaristia, centro da Igreja* (Loyola, 2008). Sua reflexão sobre a liturgia, longe de abstrações estéreis, encontrou sua concretização na vida eclesial das comunidades paroquiais em que Gopegui vem trabalhando como pastor.

Filho da tradição espiritual de S. Inácio de Loyola, a atenção de Gopegui volta-se também para a espiritualidade, dedicando-se tanto à orientação de Exercícios Espirituais quanto à produção de subsídios que possibilitem o acesso de mais pessoas a essa via espiritual, sendo o mais recente *Procurar e encontrar Deus no dia-a-dia por meio dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio* (Loyola, 2005).

Ao longo de todos esses anos de profícua atividade pastoral, Gopegui nunca abandonou o ensino de Teologia, tendo sido professor das disciplinas de Liturgia, de Eucaristia, do Evangelho de Marcos, e acompanhado alunos na elaboração de dissertações e teses. Mais dados sobre a vida e o serviço prestado por Gopegui à Igreja podem ser encontradas na cronologia de sua vida, oferecida logo nas primeiras páginas da obra.

Tendo presente essa gama de interesses presentes na vida apostólica de Gopegui, o livro divide-se em quatro partes. Na primeira, há dois textos de caráter mais testemunhal sobre Gopegui como jesuíta, pastor, e teólogo.

Dão disso testemunho Dom Serafim, Cardeal Fernandes de Araújo, arcebispo emérito de Belo Horizonte, com o qual Gopegui trabalhou por muitos anos, e o Pe. João Batista Libanio, companheiro jesuíta, o qual apresenta o itinerário teológico-pastoral de Gopegui, salientando o viés da teologia da libertação nesse itinerário, mas também o viés da produção poética, pouco conhecida do público mais amplo.

A segunda parte da obra, voltada para a vida litúrgica da Igreja, oferece quatro textos. O primeiro é de autoria de Messias Valverde, pastor metodista de quem Gopegui foi *Doktorvater*. O texto tem um escopo ecumênico, procurando ressaltar a relação de “encontro” que é própria da verdadeira atividade litúrgica. Sendo a liturgia um encontro, e encontro com o Ressuscitado, não pode não ser também um convite ao encontro com o outro, especialmente o outro que também professa o Senhor Ressuscitado. O segundo texto, de autoria de Francisco Taborda, trata da celebração eucarística como memorial da Páscoa do Senhor, retomando a riqueza do conceito bíblico fundamental para a compreensão mais profunda do mistério eucarístico. O terceiro texto, oferecido por Massimo Pampaloni, explora a relação entre tempo e escatologia na celebração litúrgica, levando em conta o pensamento de alguns autores de matriz tanto ortodoxa quanto católica (Bulgakov, Zizioulas, Schmemmann e Schlier). A última contribuição desta segunda parte da obra é o texto de José Raimundo de Melo, o qual discute a questão da autoria da *Tradição Apostólica*, atribuída a Hipólito de Roma, e apresenta a importância desse texto para a compreensão da liturgia cristã.

A terceira parte do livro remete ao campo da espiritualidade. Inicia com um texto de Ulpiano Vázquez a respeito de uma possível aproximação entre o pensamento de Levinas e a experiência espiritual de Santo Inácio de Loyola consignada nos seus *Exercícios Espirituais*. O segundo texto, de Lúcia Pedrosa de Pádua, chama a atenção para a necessidade de integração entre os espaços estético, ético e interpessoal como espaços de transcendência, confrontando essa reflexão com a experiência de Santa Teresa d'Ávila. Em seguida, Alfredo Sampaio Costa discorre sobre o tema do caminho espiritual como processo de seguimento e conformação a Cristo. Em seguida, Juan Antonio Guerrero Alves trata do tema do seguimento de Cristo aproximando o modo como esse tema é apresentado no evangelho de Marcos e no caminho espiritual percorrido por Santo Inácio de Loyola segundo o texto da sua *Autobiografia*. Concluindo esta terceira parte, Luis González-Quevedo apresenta uma reflexão sobre o pecado com base na experiência inaciana descrita tanto na *Autobiografia* quanto nos *Exercícios Espirituais*.

A quarta e última parte da obra leva-nos ao campo da evangelização. Partindo da constatação de que o evangelho de João quer apresentar Jesus evidenciando sua profunda intimidade com o Pai, Alberto Casalegno pro-

põe uma cristologia joanina como resposta à pergunta Quem é Jesus? No segundo texto, Maria Clara Lucchetti Bingemer enfrenta os desafios da elaboração de um discurso sobre Deus no contexto de uma sociedade pós-metafísica. Já Israel José Nery reflete sobre a importante tarefa da formação dos catequistas, levando em conta as orientações dos Diretórios Nacionais de Catequese e dando destaque a algumas características da catequese no Brasil. O texto que conclui a quarta parte é de autoria de Francisco G. Figueiredo de Moraes e apresenta a experiência de implantação de uma nova proposta de modelo paroquial na Paróquia São Francisco Xavier de Belo Horizonte, na qual Gopegui atua já há muitos anos.

As últimas páginas do livro oferecem uma breve apresentação dos autores que colaboraram com seus textos para a composição da homenagem.

Sendo uma *Festschrift*, a obra não pode escapar das características de seu gênero, ou seja, a variedade de temas e enfoques. Para quem conhece o homenageado, a conexão entre os textos se dá de modo muito imediato, pois a vida mesma de Gopegui serve de fio condutor que unifica os textos. Contudo, o modo criterioso e habilidoso como as diversas contribuições foram selecionadas e organizadas facilita a aproximação do leitor, conduzindo-o suavemente por áreas que, aparentemente distantes, acabam convergindo para o mesmo polo, tão bem expresso no título, ou seja, o serviço do Evangelho. Destarte, mesmo quem não conheça o homenageado poderá tirar muito proveito dessa coletânea de textos de indiscutível qualidade.

Claudio Paul SJ

SCHWANTES, Milton: *Sofrimento e esperança no exílio: História e teologia do povo de Deus no século VI a.C.* São Paulo: Paulinas, 2007. 184 pp., 20 X 13,5 cm. ISBN 978-85-356-1971-3.

O A. é largamente conhecido pelos estudiosos da Bíblia no Brasil e na América Latina pelas muitas publicações dirigidas às comunidades cristãs que buscam na Palavra de Deus luzes para lutar por um mundo melhor. A tese doutoral, publicada na Alemanha, em 1977, versando sobre o profeta Amós, com o título *Das Recht der Armen*, tornou-o conhecido também na Europa, no âmbito da exegese dos textos proféticos.

A obra está dividida em 6 capítulos. Os capítulos 1 e 6 oferecem a moldura do conjunto. O capítulo 1, "O exílio nosso de cada dia", descreve a situação de exílio vivida por milhares de seres humanos. A situação existencial do

povo de Israel do século VI a.C. repete-se no século XXI de nossa era, com os mesmos componentes de sofrimento e opressão. O capítulo 6, “Exílio lá e cá”, retoma o percurso dos capítulos anteriores para sublinhar as semelhanças entre o passado e o presente, buscando incutir esperança nas comunidades que miram para além dos exílios de hoje. “O exílio tem seus dias contados! Já fraqueja! Já bufa e esperneia!” (p. 175).

Os capítulos 2 a 5 fazem uma incursão histórica e literária no tema do exílio do povo de Israel. O capítulo 2, “A deportação para a Babilônia – os acontecimentos”, reconstrói os fatos que antecederam e sucederam o exílio, tanto a conjuntura nacional quanto a internacional, e oferece os elementos necessários para compreender em que consistiu o exílio. O capítulo 3, “Literatura exílica em Judá”, centra-se na obra historiográfica deuteronomista, composta “no âmbito do campesinato remanescente em Judá, sob a coordenação de grupos levítico-proféticos” (p. 53), nos profetas Jeremias, Habacuc, Sofonias e Abdias. Alude, também, ao livro das Lamentações e às releituras dos profetas Amós e Miqueias, do século VIII a.C. A literatura produzida neste contexto visa a cultivar a esperança no coração do povo. Os “sobreviventes da capital, levitas e cantores, profetas cúlticos e sacerdotes interioranos” (p. 93) compõem os círculos onde essa literatura é produzida. O capítulo 4, “Literatura exílica na Babilônia”, volta-se para o profeta Ezequiel, o Dêutero-Isaías e para as releituras do Pentateuco. Neste último, a atenção se volta para Gn 1 e Ex 6, da tradição sacerdotal. O capítulo 5, “O fim do exílio babilônico”, delineia as características do povo de Israel na passagem da hegemonia babilônica à hegemonia persa.

O A. tem o cuidado de situar cada produção literária no respectivo círculo teológico de origem, onde prevalecem preocupações temáticas e práticas bem concretas. A militância junto a camponeses torna-o sensível às possibilidades dessa faixa da sociedade. Aplicando aos estudos bíblicos, tende a privilegiar a “ótica do campesinato” (p. 68), opondo-a à ótica cidadina ligada ao palácio e ao templo. O tema do tribalismo ocupa um lugar importante na reflexão. Quiçá se deva entender o tribalismo como projeção utópica, mais do que referido a uma quadra precisa da peripécia histórica do povo de Israel. É difícil encontrar textos bíblicos para respaldar afirmações como esta: “A ordem tribal foi capaz de aproximar-se e de condizer com as exigências da ‘lei’ deuteronomica: evitou-se a opressão do povo em meio às múltiplas e terríveis ameaças. E afastou-se a tentação da idolatria, se bem que esta rondasse continuamente as portas das casas e das tribos” (p. 46).

MS tem, como sempre, a preocupação de escrever numa linguagem acessível ao grande público. Daí ter produzido um texto que pode ser lido com proveito por qualquer pessoa interessada em estudos bíblicos. Por outro lado, mantém-se fiel ao propósito de fazer uma leitura atualizada



da Palavra de Deus. Donde a preocupação de explicitar a pertinência do texto bíblico para os cristãos e cristãs empenhados no testemunho da fé.

Em nenhum lugar é dito; porém, é possível suspeitar que esta obra seja reedição da que foi publicada em 1987, pela Editora Sinodal, com tradução para o espanhol, em 1988.

*Jaldemir Vitório SJ*

